

De 0 a 3 anos

PROJETOS ESCOLARES CRECHE

33
ATIVIDADES

mostram como o espaço
escolar se transforma em
um universo de descobertas
e aprendizado



PLANEJAMENTO

Saiba como elaborar novas ações
e metas

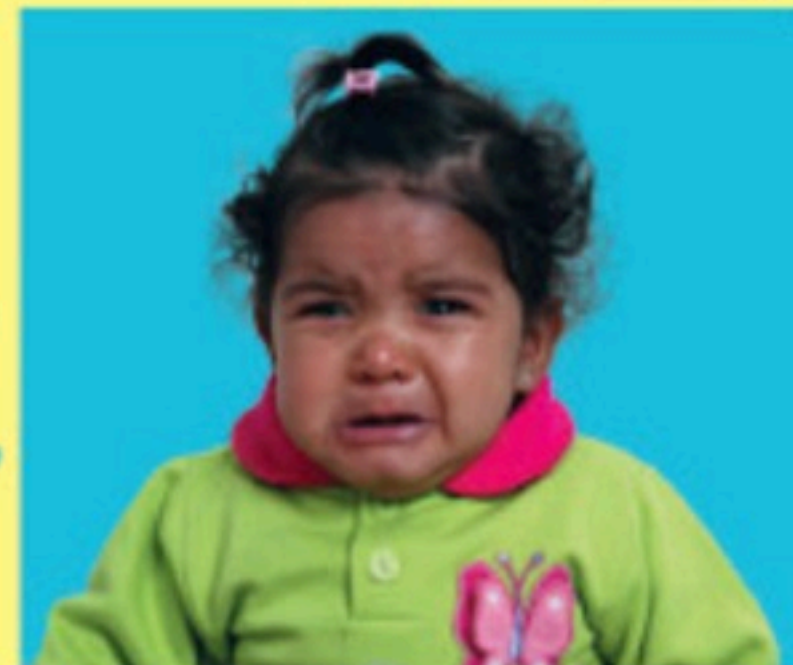
GRÁTIS

PÔSTER PARA
COLOCAR
FOTOS DA
TURMA



CHORO

Aprenda a traduzir
cada tipo de "chororô"



HORA DE TIRAR A FRALDA!
Seis dicas para passar por
esse processo sem traumas



**Brincadeiras de estátua
e de enrolar-se em lençóis
desenvolvem o movimento**



**EXPONHA OS
trabalhos**

Valorize a
criatividade
da turma com
um varal de
produções
artísticas

QUEM SOU EU?
Use espelhos
para construir a
identidade dos
pequenos



COMPRA ONLINE E **RECEBA EM CASA** OS MELHORES LIVROS E REVISTAS

RÁPIDO

FÁCIL

SEGURO

ENTREGA EM
TODO O BRASIL



APONTE SEU CELULAR
PARA O QR CODE
ACIMA OU ACESSE:

www.editoraonline.com.br

Educar é um ato de amor, fruto de dedicação e de conhecimento

Ao contrário do que muita gente ainda pensa, dar assistência aos pequeninos de 0 a 3 anos não é uma tarefa que demanda apenas o chamado “trabalho braçal” e um certo “jeito com bebês”. Não basta ter “prática” em cuidar de crianças, reproduzindo o que seria feito em casa pelos pais ou avós. É preciso encarar esta função como uma profissão – e não como um sacerdócio ou “dom” – que, como tal, demanda conhecimentos específicos.

Muito além de oferecer papinha e mamadeira, trocar fraldas e roupas, dar banho, colocar para dormir e garantir a segurança e o bem-estar dos bebês, os educadores das creches são responsáveis por desenvolver (com o apoio dos pais, claro) nos pequenos habilidades fundamentais para um crescimento saudável. Trabalhar o movimento, a identidade, o afeto e até noções de matemática e raciocínio lógico faz parte do dia-a-dia destes profissionais que, em troca, além da remuneração mensal, recebem sorrisos sinceros, gargalhadas espontâneas, abraços e expressões de surpresa, coisas que só quem educa sabe o quanto valem.

E só quem educa sabe o quanto lidar com os pequenos exige de dedicação, conhecimento e atenção.

Grande abraço,

Thaíse Rodrigues

educacao@editoraonline.com.br
www.projetosescolares.com.br



Foto: Ivan Pontes

Sumário

5 - Planos de ação
É hora do planejamento do ano novo

8 - Convite para os pais feito pelas crianças
Uma oportunidade de colocar a turma em contato com a escrita

10 - Muito mais do que decoração
Por que e para que expor os trabalhos dos alunos em sala?

12 - Detalhes que fazem a diferença
Chá gelado de erva-cidreira e caixa de sugestões para cativar os pais

14 - Bata muito papo com seus bebês!
Descubra a importância de conversar com as crianças pequenas

16 - Choro, chorinho, choradeira
O que significam os diferentes tipos de choros dos bebês?

18 - "Dorme nemém" faz muito bem!
Cantigas de ninar embalam o sono e favorecem a linguagem infantil

20 - Seis perguntas e respostas sobre desfraldamento
Para o processo ser tranquilo e contar com o apoio dos pais

22 - As primeiras noções de matemática
Ensine conceitos de classificação e seleção em uma brincadeira de supermercado

24 - Papinhas deliciosas
Receitas para agradar em cheio o paladar dos pequenos

25 - Espelho, espelho meu...
As crianças frente a frente com a própria imagem

28 - Deitar e rolar entre lençóis
Atividades de movimento livre que empolgam e divertem

29 - Quem nunca brincou de estátua?
Ao ficarem imóveis, os pequenos descobrem o próprio corpo

30 - O papel do coordenador pedagógico
Nova seção de artigo discute as atribuições desse profissional na creche

31 - Entrevista: projetos pedagógicos na creche
Maria Carmen Silveira Barbosa e Maria da Graça Horn debatem o assunto

34 - Curiosidade
Faltam creches públicas no Brasil

34 - Onde encontrar
Contatos dos profissionais e das empresas que colaboraram nesta edição

Planos de ação

Chegou a hora de planejar o novo ano. Comece pelo balanço de 2008 e trace um salto de qualidade para o próximo período letivo

No final de outubro de 2008, o ministro da Educação, Fernando Haddad, encaminhou uma proposta ao presidente Lula para tornar obrigatória a educação pré-escolar e o ensino médio.

A responsabilidade de educar logo nos primeiros anos de vida é cada vez mais exigida no Brasil e no mundo. Foi-se o tempo em que improvisações podiam marcar os trabalhos de creches e escolas infantis. “Hoje, mais do que nunca, todo educador deve ter em mente o equilíbrio entre o cuidar e o educar. Essas duas ações não podem estar desarticuladas na creche e dependem de organização e planejamento para serem realizadas”, explica Neide Noffs, professora de pós-graduação da Faculdade de Pedagogia da PUC-SP.

Fica claro, assim, porque o projeto pedagógico norteia o caminho da qualidade e porque a própria prática precisa ser diária e ter um objetivo: planejar os próximos passos do desenvolvimento infantil e rever, sempre, os planos.

O ano de 2009 já começa agora! Veja o caminho para ter um feliz ano novo, com muito profissionalismo.

1. BALANÇO DO ANO ANTERIOR

É tempo de se perguntar: valeu a pena? O que poderia ter sido melhor? O que não pode ser mais repetido? Os objetivos pedagógicos estabelecidos, preferencialmente, no final de 2007, foram alcançados com sucesso?

Mais do que nunca, o coordenador pedagógico tem papel crucial no planejamento. Espera-se dele, nessa primeira fase, que fomenta a reflexão individual e coletiva.

Três tabelas

A revisão de metas e o estabelecimento de novas começam

em uma auto-avaliação profunda e delicada. É difícil questionar seus próprios resultados e olhar para o futuro próximo com novos projetos. Comece montando uma tabela sobre as dificuldades encontradas ao longo do ano. Na primeira coluna, escreva todos os problemas que aconteceram em 2008 (pouco diálogo com os pais, falta de material, atividades repetitivas, etc). Na segunda, aponte os motivos dos entraves. Pergunte-se o que poderia ter sido feito diferente.

Uma nova tabela deve relacionar os avanços e suas causas. Com a documentação pedagógica à mão, fica mais fácil relembrar atividades, projetos, momentos e falas marcantes.

Planos para o futuro vêm em um terceiro quadro. Aponte suas metas para 2009 (trabalhar melhor em equipe, pesquisar atividades diversificadas, estudar mais, explorar mais leitura e conceitos lógico-matemáticos, etc).

A gestão, a coordenação, os conselhos e os auxiliares têm a mesma tarefa de reflexão.

2. COM A PALAVRA, PAIS E DOCENTES

Depois que cada um, individualmente, reviu metas e planos, a direção entra em ação para organizar minuciosas reuniões de balanço coletivo.

O objetivo é conseguir envolver a maior parte da escola no planejamento. A contribuição da equipe e da comunidade é importantíssima para guiar os novos trabalhos.

Na Creche Jardim Colorado, em São Paulo, três plenárias anuais são realizadas com os pais e, separadamente, com os docentes, para levantar impressões, críticas, questionamentos e sugestões de solução para o planejamento da creche e dos trabalhos pedagógicos e de cuidados diários. Em fevereiro, cada um expõe o que espera da escola no novo ano. Na segunda plenária,





“O planejamento pedagógico não começa de repente, mas é construído diariamente entre docentes, funcionários, gestores e pais. Em dezembro, fechamos 2008 e, ao mesmo tempo, vamos delinear o projeto do novo ano que vem aí”, Dalva Franco, coordenadora da CEI Jardim Colorado, em São Paulo

em julho, ocorre uma avaliação do primeiro semestre e a checagem dos objetivos. E, na terceira, o ano letivo é posto em xéque. “Essa é a melhor forma de aperfeiçoarmos nosso trabalho. Garantimos que todos tenham voz e vez”, explica Dalva Franco, coordenadora pedagógica da Creche.

As sugestões são encaminhadas aos conselhos e consideradas na elaboração do projeto pedagógico e dos planos de trabalho.

3. RAIO-X DAS ESTRUTURAS FÍSICA E MATERIAL

Tinta, papel, lápis colorido, canetas hidrográficas... esses materiais são caros e o uso acaba sendo contado na escola. Se, em algum momento, a falta desses produtos atrapalhou os planos diários, cabe ao professor levar o problema à direção para que o orçamento e a organização dos materiais sejam revistos.

A dedetização do prédio, a pintura de paredes e móveis, a compra de móveis e as pequenas reformas em geral devem acontecer durante os recessos e precisam ser acordadas com toda a equipe. “Ninguém melhor do que o docente para apontar as prioridades”, diz a pedagoga Neide Noffs.

4. FOCO NAS EXPERIÊNCIAS ESTRATÉGICAS E DIVERSIFICADAS

No ensino fundamental, os conteúdos pedagógicos guiam o planejamento. Na creche e na educação infantil, as vivências são mais importantes. Por isso, o brincar tem destaque e é o centro da pedagogia da infância.

As crianças descobrem o que é o mundo ao reproduzirem seu dia-a-dia com a ajuda de bonecos, panos, brinquedos industrializados e artesanais, pedras, folhas, flores, água e terra. Elas precisam saber que a vida é feita de diferentes cores e texturas. As atividades não podem ser realizadas apenas em papel sulfite, com lápis colorido e, de vez em quando, tintas do tipo guache.

Olhe ao redor da escola, professor, e veja o que a natureza dispõe de material para a sua turma. Fique de olho em canteiros, hortas, feiras livres, praças... E planeje projetos, atividades e seqüências didáticas que explorem um amplo repertório de situações e objetos.

Depois, sim, faça uma relação dos eixos temáticos que podem ser trabalhados naquelas situações e planeje as intervenções pedagógicas.

5. CRONOGRAMA DE CAPACITAÇÃO DOCENTE

Por último, com base no balanço individual e coletivo, a equipe deve pensar nos cursos de capacitação para 2009. Todos devem responder: em que pontos é preciso fazer um aprofundamento teórico?

A equipe da coordenadora pedagógica Dalva Franco já sabe como irá investir no desenvolvimento profissional em 2009. “Vamos estudar mais sobre o papel dos contos de fadas na infância para aperfeiçoarmos nossos projetos de linguagem. Os registros pedagógicos serão outro tema em pauta, pois queremos melhorar a qualidade dos portfólios”, detalha a coordenadora.



Convites feitos

pela turma

**Deseja chamar os pais para uma reunião?
Peça para os pequenos escreverem e
desenharem a mensagem**

Algumas crianças nascem em lares cujos pais têm o hábito de ler livros, jornais e revistas todos os dias e comentar os noticiários e as histórias lidas.

Muitos bebês crescem em meio a revistas de celebridades e receitas culinárias – leituras de fácil acesso –, mas têm pouco contato em casa com outras fontes de escrita.

Já os pequeninos indígenas e quilombolas vivem em comunidades de tradição oral e crescem sem nenhum estímulo do código escrito na comunicação. Essa diversidade é real e compõe a característica cultural do povo brasileiro.

Quando o assunto é educação formal, meninos e meninas devem encontrar na escola, desde o berçário, um vasto material escrito, que seja porta de entrada à cultura dominante, sem se esquecer do repertório local. E em quais situações?

Pesquisas antigas e recentes em Educação, como as realizadas por Delia Lerner, investigadora da didática de leitura e escrita na Universidade de Buenos Aires, Argentina, revelam que a escrita, assim como a leitura, deve ser explorada em situações reais de uso.

Uma boa oportunidade é reunir a turminha para mandar um convite aos pais para a reunião do final do semestre, uma palestra, um encontro ou uma exposição de trabalhos na creche.

Mostre para as crianças que existe um importante meio de comunicação, que logo elas irão aprender a dominar. Nesse meio tempo, você, educador, será o escriba da turma em atividades divertidas, que despertem o interesse dos pequenos para a língua escrita, sem o foco na alfabetização, mas, sim, na experiência prazerosa de se comunicar.

Periodicidade: a cada dois ou três meses

Idade: 3 anos

Objetivos: ajudar a criança a ver a linguagem escrita como uma fonte de conhecimento e de prazer, em situações reais de uso, sem o foco na alfabetização

Materiais: folhas de sulfite, lápis colorido, lápis preto, giz de cera colorido, giz branco, fita de cetim

Consultoria: Paula Inglez, pedagoga e diretora da Escola Hora de Despertar, em São Paulo

RASCUNHO NO CHÃO

Conte para a turma que todos deverão dar um recado para os pais. Diga que será preciso mandar uma carta bem bonita para convidá-los a comparecer à escola.

Mas como será que se escreve uma carta? Lance o problema para as crianças e leve a garotada para o pátio ou qualquer espaço aberto. Reúna o grupo em círculo e, no centro, no chão, escreva com giz, bem grande e em letra bastão, a primeira letra do nome de cada criança.

Em seguida, comece a escrever lentamente a mensagem, com a ajuda da meninada. Peça para cada um contar o nome do pai e da mãe e pergunte como irão falar para eles virem à creche. Elabore uma frase curta, do tipo: "Mamãe e papai: esperamos por vocês, no dia xxx, aqui na creche".

Depois, dê um giz para cada criança e advirta para não colocarem o objeto na boca. Peça para ajudarem você, educador, a escrever. Vai ser uma festa! Permita o rabisco livre e as experimentações com um material diferente, o giz, em um suporte inusitado, o chão.

Foto: Ivan Pontes



REESCRITA NO PAPEL

Em outra etapa (no mesmo dia ou não), reúna os pequenos em círculo, na sala. Coloque giz de cera colorido no centro e diga para a turminha que todos irão escrever no papel a mensagem que fora rascunhada no chão.

Antes de dar os gizes para as crianças, escreva bem grande, em letra bastão, a mesma frase da etapa anterior. Certifique-se de que os pequenos estão atentos ao desenho das letras. Depois, peça a colaboração da turma para elaborar o texto coletivo. Novamente, permita a livre expressão. Estimule o desenho das letras, dos pais e da escola.

COMUNICADO CRIATIVO

Faça uma cópia colorida do resultado final, mas, antes, coloque mais informações sobre o evento na folha de sulfite. Enrole e feche a folha com um laço de fita de cetim, sob o olhar das crianças.

Está pronto, assim, um comunicado criativo e feito realmente pela turminha.

Foto: Ivan Pontes



Muito mais do que decoração

Quando expostos, os trabalhos de linguagem realizados pela turminha dão destaque à aprendizagem

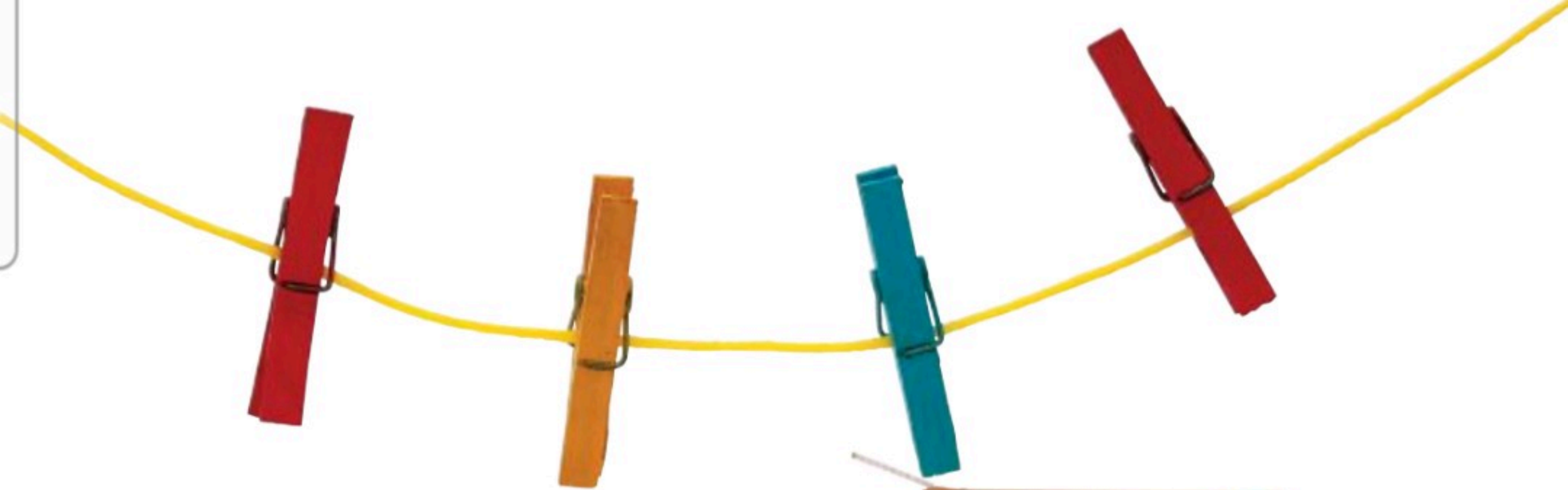
Periodicidade: semanalmente

Idade: a partir de 2 anos

Objetivos: valorizar a produção dos pequenos; expor processos de aprendizagem

Materiais: barbante, prendedores de roupa, papelão ou cartolina para enquadrar as produções, retalhos de tecidos coloridos, EVA, cola e fita adesiva dupla-face

Consultoria: Carla Leite Oliveira, pedagoga e professora da Escola de Educação Infantil Fadelito, em São Paulo



As crianças pensam, descobrem, inventam e recriam o tempo todo. A noção de aprendizagem na creche está ligada à interação do bebê com o mundo, o que confere à educação um papel fundamental de qualidade de vida.

Segundo essa idéia, não se pode mais pensar a creche como um lugar de recreação, de cuidados ou de preparação para a alfabetização mas, sim, como um espaço de construção de saberes fundamentais para a formação do ser humano.

Os educadores que valorizam o fazer infantil consideram cada produção, artística ou não, como etapa do importante trabalho de aprendizagem. Dessa maneira, os primeiros desenhos e letras não são rabiscos, mas documentos que recontam a trajetória de ensino e apontam o desenvolvimento infantil.

Uma das maneiras de colocar em destaque o árduo trabalho de aprender e ensinar é fazer uma exposição em sala das produções infantis. Todos ganham com isso, sob diferentes pontos de vista.

Antes de colocar as obras em destaque, o educador planejou, aplicou um projeto ou atividade, avaliou e, por fim, expôs as aprendizagens. Seu olhar deve estar voltado para esse processo ao se decidir por ocupar as paredes da sala com as produções da turma.

Já o olhar dos pais é de satisfação ao ver, de maneira palpável, o trabalho que o filho realiza na escola. Ele pode não compreender o percurso de educadores e da criança até chegar àquele produto final, mas sabe reconhecer avanços significativos na educação dos filhos.

Para a criança, a exposição é o maior sinal visual de que seu esforço, seu pensamento e suas idéias são respeitados e têm espaço na escola.

No entanto, pesquisas revelam que esse conceito ainda não está presente na maioria dos estabelecimentos infantis particulares e públicos no Brasil. Estudo realizado na Universidade Regional de Blumenau por Cláudia Regina Bugmann revela que os trabalhos artísticos expostos têm um caráter meramente decorativo. Um trecho da tese apresentada em 2006 diz assim: “É comum encontrar nas escolas e CEIs o calendário das datas comemorativas. Nele, estão estabelecidos a data a ser comemorada e o professor responsável pela decoração do espaço....”.

Para fazer diferente, veja algumas etapas que permitem aproveitar melhor as manifestações infantis de linguagem.



- Tecido
- EVA
- Papel
- Papelão
- Fitas coloridas
- Cola



COLOCANDO EM PRÁTICA

Escolha no planejamento semanal quais as produções que merecerão destaque na sala. Se você preparou um projeto de arte tridimensional, por exemplo, pense em como expor os trabalhos em argila, papel e massa de modelar.

Prepare os suportes com diferentes materiais: papel, EVA, tecido e plástico. Varie formas, cores e texturas, mas lembre-se de que o mais importante é a tela e não a moldura!

Coloque as atividades em prática e apresente o varal com as produções dos pequeninos no dia seguinte. É uma maneira de retomar o que foi aprendido no último encontro.

Reúna a turma em frente ao varal e peça que as crianças relembrem a situação de aprendizagem. Deixe que cada uma identifique seu próprio trabalho e explique o significado da criação.

Mostre o que foi aprendido e aponte os próximos passos. Não deixe os trabalhos expostos por mais de uma semana. Exercite o olhar das crianças e, sempre que possível, programe passeios em locais de exposição com os maiores de 2 anos e meio.

Detalhes que fazem a diferença

Ofereça, na próxima reunião de pais, um chá feito com ervas cultivadas pelas crianças e uma caixa de sugestões

A maioria dos educadores reclama que os pais participam pouco da vida escolar. É verdade, mas, para que não fique no “zero a zero”, a escola deve ter a iniciativa de estimular o diálogo e trazer as famílias para dentro da creche, em prol da qualidade da educação das crianças.

Para seduzir pais e mães, é preciso passar informações sobre o desenvolvimento infantil desde a matrícula, e não só nos momentos em que surgem dúvidas ou problemas.

Alguns detalhes influenciam diretamente na disposição das pessoas em ouvir e participar da vida escolar. Pequenos cuidados, como oferecer um chá gelado de ervas cultivadas nos canteiros da creche pelas crianças, tornam palpáveis, para quem não domina a linguagem pedagógica, práticas e conceitos escolares.

Arruma a mesa de maneira bem bonita, com enfeites de folhas de erva-cidreira. Ao lado, coloque fotos das crianças em



Fotos: Ivan Pontes



contato com a natureza – cuidando da horta ou selecionando as ervas. Mas atenção: a atividade deve fazer parte do seu planejamento, educador. E deve ser aplicada com o objetivo de ensinar e não para agradar os familiares.

Envolve a turma na preparação da reunião dos pais e peça para as crianças, de 1 e meio a 3 anos, colherem e lavarem as ervas. Em seguida, mostre como se prepara a bebida. Depois, é só servir esse gostoso refresco de verão na reunião.

UM DOS CANAIS DE COMUNICAÇÃO

Para estabelecer uma gestão focada no coletivo, é preciso lembrar aos pais que a creche é lugar de todos e que conta com a participação das famílias.

Na maior parte do tempo, a porta da direção deve estar aberta, como um convite ao bate-papo.

Diariamente, a agenda dos pequenos funciona como “ponte” entre a creche e as casas, mas não pode ser o único canal de diálogo.

Pai tem que chegar na porta da escola e poder entrar sem demora. Alguns se fazem presentes facilmente. Outros são mais fechados e tímidos e precisam de formas diferentes de comunicação.

Coloque uma caixa de sapato bem forrada em um lugar visível da creche. Destaque sua

utilidade com letras grandes: CAIXA DE SUGESTÕES.

Papel e caneta devem ficar à disposição e frases espalhadas pelo prédio lembram que existe essa outra porta, sempre aberta. A arte de encapar a caixa pode ser realizada na reunião de professores, em que o tema seja a participação familiar na escola.

Algum professor ou o coordenador pedagógico deve ser escalado para abrir a caixa todos os dias. E o balanço das críticas e sugestões precisa ser feito, ao menos, quinzenalmente entre os educadores e apresentado às famílias em comunicado, em um mural ou num debate na reunião de pais. É uma medida simples, mas que revela a concepção de educação do projeto pedagógico.

Chá gelado de erva-cidreira (ou capim-santo)

Ingredientes

- 3 xícaras (de chá) de erva-cidreira (ou capim-santo) picada
- 3 litros de água
- Açúcar ou mel e gelo a gosto

Preparo

Bata tudo no liquidificador, peneire, coloque em uma jarra transparente e sirva gelado.

O refresco deve ser consumido imediatamente após o preparo e não deve ser guardado na geladeira para ser consumido mais tarde.



Bata muito papo com os bebês!

O exercício da oralidade, do olho-no-olho e do afeto tornam as crianças mais espertas e felizes

Os pequenos aprendem a se comunicar quando são estimulados por meio de gestos, olhares e palavras. Desde o nascimento, os bebês emitem sons e respondem aos chamados. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, em 2002, revelou que o movimento labial dos bebês não é aleatório, mas, sim, o começo do desenvolvimento da linguagem oral.

Segundo os pesquisadores, conversar com os bebês pode ajudá-los a aprender a falar, porque ouvir uma variedade de sons impacta no estabelecimento da linguagem. Os cientistas têm, ainda, dois estudos em andamento, a fim de desenvolver as descobertas da pesquisa.

O assunto é tão importante que, em 2004, em um programa público no Rio Grande do Sul, voluntários visitavam bairros carentes e orientavam os pais a conversar com seus bebês. Os resultados tiveram impacto na saúde – menos consultas e internações.

Para o psiquiatra norte-americano, Paul Hollinger, e a jornalista norte-americana, Kátia Doner, no livro *O Que os Bebês Dizem Antes de Começar a Falar* (Editora

Periodicidade:

atividade de rotina

Idade:

a partir dos primeiros meses

Objetivos:

ensinar a se comunicar;
desenvolver a linguagem oral; reconhecer sons e fisionomias

Consultoria:

Paula Inglez, pedagoga e diretora da Escola Hora de Despertar, em São Paulo

Mercuryo), é importante conversar com os nenéns, pois o ser humano já nasce emitindo diversos sinais de comunicação. Eles apontam nove sinais inatos: interesse, contentamento, surpresa, raiva, medo, vergonha, nojo e aversão olfativa.

Como se ampliam esses sinais? Conversando e explorando a comunicação e qualquer gesto ou balbúcio. Os bebês aprendem a falar escutando, explorando e respondendo aos sons do mundo ao seu redor.

Veja a seguir algumas maneiras de melhorar e motivar o desenvolvimento lingüístico da turminha.



COLOCANDO EM PRÁTICA

Para estabelecer diálogo com as crianças bem pequenas, é preciso observar os sinais que elas dão na comunicação travada com outras crianças e adultos.

Pode parecer mentira, mas muitos educadores têm vergonha de conversar com bebês, por achar que não estão entendendo nada. E muitos pais ignoram o potencial de conversar com os pequeninos, quando os deixam por longos períodos no berço ou no carrinho.

Aproveite todos os momentos possíveis para encarar os bebês e passar confiança e afeto no olhar e nas expressões faciais. Na entrada, olhe para a criança e demonstre estar feliz com a chegada dela. Diga com todas as palavras e repita mais de uma vez: “Que bom, João, que você veio para a creche! Hoje, vamos conhecer muitas coisas juntos, você vai ver!”.

Ótimas oportunidades estão nas atividades e nos cuidados. Mostre que você está atenta ao bebê, mesmo distante, aos objetos que ele segura, às suas expressões e às mãos na boca. “Está gostando, Lorena, dos blocos coloridos?”, “Felipe, tira a mão da boca”, e faça sinais com as mãos e a cabeça para tornar mais clara sua mensagem.

Aproveite o contato físico da hora do banho e da hora da soneca para colocar o bate-papo em dia. Atente para o tom de voz ideal para cada situação. Na banheira, provoque uma estripulia ao cantar e dar nomes às partes do corpo. No berço ou no colchonete, fale baixinho o quanto você gosta da criança, deseje um bom sono e bons sonhos e conte que você estará ao lado dela quando acordar.

Com os maiores, é preciso agachar e olhar no olho para passar orientações, chamar a atenção, fazer perguntas, oferecer brinquedos e outros objetos. Veja um exemplo de fala: “hoje vamos fazer um passeio pelo bairro e ver muitas casas, prédios e carros”. A frase já é mais complexa, mas continua a precisar da repetição para ser compreendidas.



Anteça para os bebês as próximas atividades

- Como nos ensinamos fundamental, médio e superior, a criança quer saber o que fará na escola nas próximas atividades. Além de ser respeitoso, por tratar os pequenos de igual para igual, o diálogo transmite segurança e confiança.
- Assim, na hora da mamada, mostre o leite e faça alarde: “Olhe, Bento, o alimento está chegando...”, “hum, que delícia, eu quero mamar!”.
- Avise, na hora da troca de fralda, que você vai levar o pequeno para o trocador e deixá-lo seco, ao colocar uma fralda nova. Descreva objetos e ressalte as cores.
- Próximo do horário da saída, pegue as mochilas da turma e mostre que, em breve, todos voltarão para casa.

Choro, chorinho, choradeira

Você sabe identificar o motivo de cada chororô nos primeiros meses? Veja as dicas de uma especialista no assunto

O choro é a primeira manifestação infantil para comunicar algo e continua a ser um grande meio de comunicação até por volta dos 4 anos. Mas, até o final da infância, as crianças se expressam entre lágrimas com muita facilidade.

Apesar de ser uma reação considerada normal nos primeiros meses, muito choro angustia educadores e pais. A pergunta é: o que faz uma criança chorar bastante?

Saber reconhecer essa linguagem e atender aos cuidados solicitados pelos pequenos é importante para manter o bem-estar da garotada e dos responsáveis, é claro.

Ana Paula Guareschi, enfermeira mestre em pediatria e docente do Centro Universitário São Camilo, em São Paulo, ajuda a desvendar o significado de cada tipo de chororô. Acompanhe:



CÓLICA

A cara da dor – choro agudo e prolongado; perda do fôlego; contração das pernas.

Receita – massagem abdominal; esticar e encolher as pernas diversas vezes; segurar o bebê com a barriga virada para baixo.

SONO

A cara da dor – choro alto e nervoso.

Receita – colocar o bebê em ambiente silencioso e com pouca luz; embalar e cantar cantigas de ninar.

CALOR OU FRIO

A cara da dor – irritabilidade; nuca e couro cabeludo suados; pele pode apresentar brotoejas.

Receita – tirar ou colocar roupas; verificar se a criança está em uma temperatura confortável (quando o nariz e as bochechas estão mornos).

FOME E SEDE

A cara da dor – chupar o dedo insistentemente; choro desesperado.

Receita – alimentar e hidratar a criança rapidamente.

DENTES

A cara da dor – babar em demasia; coçar as gengivas com as mãos e com objetos; irritabilidade.

Receita – escovar os dentinhos ou massagear a gengiva dos pequenos com escovas apropriadas e gaze; sob orientação do pediatra da criança, usar pomadas e dar mordedor para aliviar a dor.

LIMPEZA

A cara da dor – choro intenso que pára assim que as fraldas são trocadas.

Receita – trocar a fralda e usar uma pomada contra assaduras.

MANHA

A cara da dor – choro manhoso, que passa quando alguém pega o bebê no colo.

Receita – brincar com a criança; conversar e pegar no colo por uns instantes, até ela se entreter.

DOR

A cara da dor – choro alto e sem pausa.

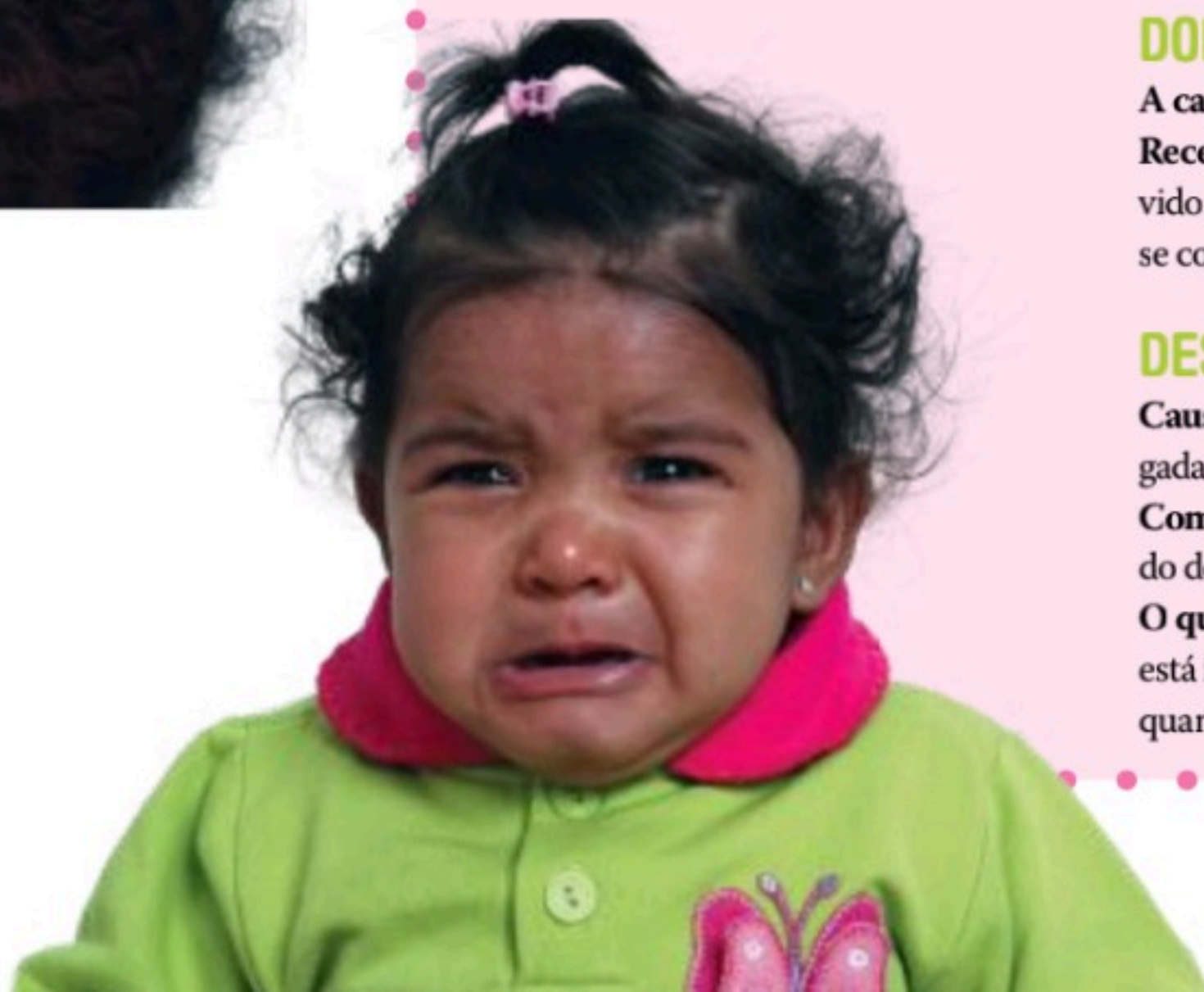
Receita – tocar barriga, peito, costas e ouvido e observar a reação da criança. Ela irá se contrair ao ser tocada na região dolorida.

DESCONFORTO

Causa – roupas apertadas, posição prolongada no berço etc.

Como identificar – choro irritado e seguido de movimentos corporais.

O que fazer – tirar o objeto ou roupa que está incomodando a criança; de vez em quando, virar o corpinho dela no berço.



"Dorme, nenê!" faz muito bem!

Fotos: Ivan Pontes



As cantigas de ninar embalam
o sono e favorecem
o desenvolvimento da
linguagem infantil

Há momentos em que parece não ter jeito: nada faz os bebês se entregarem ao sono e dormirem em paz. E basta um deles começar a ladainha do choro para a turma toda acompanhar o líder.

Mesmo assim, o professor e o auxiliar devem ser persistentes, pois colocar as crianças para dormir é tão importante quanto alimentá-las ou brincar com elas. Muitos hormônios essenciais para o desenvolvimento infantil, como o do crescimento, são produzidos durante o sono. É claro que a maior produção dessas moléculas ocorre à noite, quando os pequenos descansam por mais tempo, mas, à tarde, o cochilo também é revigorante

e auxilia esse processo biológico.

“É indicado que crianças de até 3 anos repousem na escola por cerca de 1 hora, diariamente. Para o educador conseguir cumprir a tarefa, a rotina da creche precisa estar bem estabelecida e organizada”, afirma Ana Paula Dias França Guareschi, enfermeira mestre em pediatria e docente do Centro Universitário São Camilo, em São Paulo.

O grande desafio é conseguir oferecer um atendimento individualizado nesse momento delicado. Na maioria das creches, o horário do sono é padronizado e as crianças devem adormecer juntas e ao mesmo tempo. Mesmo assim, as cantigas podem ser utilizadas para os casos mais

difíceis, como bebês agitados ou em período de adaptação ou depois de um despertar repentino, acompanhado de choro agudo. Cantar para o grupo no berço ou reunido em um colchonete também é muito acolhedor, se o tom de voz da professora ou auxiliar for baixo e agradável.

No entanto, a consultora Ana Paula adverte: “não dispense, sempre que possível, acalantar no colo, criança por criança, sem esquecer de nenhuma delas. Mesmo as mais quietas, que não dão trabalho, devem ser contempladas com um delicioso cafuné melódico”. Os benefícios dessa prática são inúmeros e avós de todo o mundo sabiam – e sabem – muitos deles.

História e linguagem

- As canções de ninar oferecem os primeiros contatos com um grande patrimônio histórico universal. Povos de diversas partes do mundo utilizam – e utilizaram no passado distante e recente – acalantos para embalar bebês. Um interessante projeto realizado no Auditório Ibirapuera, em São Paulo, destaca esse caráter histórico. Quase 100 cantigas para fazer dormir, de 16 países, compõem um acervo com som, imagem e texto. O acesso é gratuito e interativo (www.auditorioibirapuera.com.br).
- A riqueza pedagógica dos acalantos está, também, em marcar e servir de preparação para uma atividade de rotina, que deve ocorrer, preferencialmente, sempre no mesmo horário, depois da higiene e da alimentação.
- Esse recurso melódico simples

favorece também o contato dos pequenos com a linguagem musical. As repetições, a cadência dos ritmos e a sonoridade ao pé do ouvido proporcionam as primeiras vivências musicais das crianças, na forma de canto.

- Um dos maiores papéis dos acalantos é propiciar uma importante experiência com a língua oral. Fonemas e palavras repetidas em tom suave e melódico introduzem o idioma materno em uma de suas melhores formas: a poesia.
- Assim, na próxima seção de “nana-neném”, pense em todos esses aspectos positivos de cantar na hora de dormir. Cuide da pronúncia, do tom da voz e do olhar. As crianças sentem se o embalo é mecânico ou aconchegante. A resposta está no tempo em que demoram para adormecer e nas demonstrações de

afeto e segurança.

- E lembre-se: depois que sua turminha se entregar profundamente ao descanso, nada de abandoná-la sozinha na sala. Os bebês precisam de atenção redobrada nesse momento em que pode acontecer uma regurgitação ou afogamento. Seja no berço ou no colchão colocado no piso da sala, a criança sempre precisa estar sob o olhar de um adulto. Deu vontade de ir ao banheiro? Troque de posto com outra auxiliar, mas nunca deixe os bebês sem a supervisão de um profissional.



Periodicidade: diariamente

Idade: de 0 a 3 anos

Objetivos: acalantar, aconchegar e aninhar os bebês que têm dificuldade para dormir ou que estão em processo de adaptação; criar um ambiente de afeto e segurança; promover os primeiros contatos com as linguagens oral e musical; preparar as crianças para uma ação importante para o crescimento e o bem-estar: dormir

Consultoria: Ana Paula Guareschi, enfermeira mestre em pediatria e docente do Centro Universitário São Camilo, em São Paulo

Ilustração: Vanessa Matarazzo



Boi da cara preta

“Boi, boi, boi
Boi da cara preta
Pega esse menino que
tem medo de careta”.

Dorme neném

“Dorme neném do meu
coração
Não tenha medo do bicho-
papão
Bicho-papão sai de cima do
telhado
Deixa o ***** dormir
sossegado”.

Tá na hora de dormir

“Tá na hora de dormir
Não espere a ***** mandar
Um bom sono pra você
E um alegre despertar”.

Tirar as fraldas dos pequenos é um dos maiores desafios na creche. Dúvidas não faltam e, muitas vezes, os pais não colaboram com esse processo da forma como a escola gostaria. “É comum ver mães que adiam o desfralde, inconscientemente, para que seus filhos sejam eternos bebês. Casos de preguiça e descaso também são relatados por muitos educadores”, conta Ana Paula Guareschi, enfermeira mestre em pediatria e docente do Centro Universitário São Camilo, em São Paulo.

Seis perguntas e respostas sobre **desfraldamento**

Veja como contar com o apoio dos pais e tornar esse processo mais tranquilo

Fotos: Ivan Pontes

Para ajudar professores e auxiliares, **Projetos Escolares** apresenta a seguir seis perguntas e respostas sobre o melhor caminho para tirar as fraldas da molecada e conseguir lidar com as situações inerentes a essa fase infantil.

1- Qual a melhor idade para iniciar o desfralde?

A recomendação é de que o treino do toalete comece a ocorrer por volta dos 18 meses. O processo precisa ser natural e acontece quando a criança der sinais de que quer tirar as fraldas, como pedir para sentar no vaso e fazer cocô em horários fixos (leia mais no box ao lado).

Há relatos de desfralde em bebês com menos de um ano. Nos Estados Unidos, um movimento de pais e médicos divulga supostos benefícios em tirar as fraldas bem cedo, como ficar livre das assaduras e economizar (Para obter mais informação, acesse www.diaper-freebaby.org. O site está em inglês).

Sob o ponto de vista da ciência, o que sabe é que realizar a retirada precoce da fralda pode causar transtornos na criança, como frustração e irritabilidade, dificultando a conquista do controle dos esfínteres – sistema que regula o xixi e o cocô.

2- Quanto tempo demora, em média, para as crianças abandonarem completamente as fraldas?

Algumas crianças são estimuladas pelos irmãos mais velhos, em casa, a usar o vaso sanitário. Alguns bebês podem retroceder no processo de desfralde, por estarem estressados com o nascimento de um irmão. Outros pequenos tiram as fraldas sem nenhum problema.

Cada criança é única e passa por diferentes experiências na hora de fazer xixi e cocô.

Assim, o ponto de partida do desfralde da turma deve ser o mesmo, como estimular a garotada a usar o vaso sanitário, mas as respostas não serão iguais. Espera-se que as crianças tenham o controle dos esfínteres até os 3 anos,

mas acidentes podem acontecer até o início da adolescência e nunca devem ser tratados com violência ou brincadeiras jogosas. Jamais admita que uma criança receba um apelido maldoso por fazer xixi e cocô nas calças.

3 - Quais ações podem ajudar os bebês a utilizarem o vaso sanitário?

- Conversar com a criança sobre a necessidade da retirada da fralda para sua maior independência.
- Promover visitas ao banheiro e o uso do vaso sanitário a cada 30 minutos.
- Aprender a reconhecer os sinais de cada criança na hora em que quer urinar e defecar, e encaminhá-la ao banheiro.



- Brincar de dar tchau para o xixi e o cocô.
- Colocar o assento adaptador para o tamanho da criança, pois muitas têm medo de cair no vaso sanitário.
- Não ridicularizar o pequeno que deixa escapar urina e fezes na roupa íntima, mas reforçar qual o é comportamento esperado.
- Iniciar o processo de desfralde nas estações mais quentes do ano.
- Orientar os pais e contar com o colaboração deles para que a criança fique, de início, sem fraldas durante o dia. E que, à noite, o filho seja levado, mesmo dormindo, ao banheiro.

4- O penico pode ser indicado na passagem das fraldas para o vaso sanitário?

Pode sim, mas em casa. Na escola, os banheiros devem ser adaptados ao tamanho infantil ou cada criança deve ter o seu assento redutor, que deve ser limpo com água quente a cada uso.

5- Qual o enxoval que deve ser solicitado aos pais nesse período?

O ideal é que, no período do treino do toalete, os pais disponibilizem em torno de três trocas de roupa – três camisetas (de manga curta e comprida), três calças (jeans ou shorts e bermudas), três peças íntimas, três meias e dois calçados. Uma dica: sugira que os pais encaminhem as crianças de sandália e meias. Em caso de acidente, basta trocar as meias e passar um pano úmido no calçado.

6- Alguns pais colaboram pouco com o desfralde. Como conscientizar as famílias a participar ativamente desse processo?

Os educadores e as famílias precisam ser parceiros, pois a criança fica confusa quando a escola ensina que é necessário que ela tire as fraldas e a família envia a mensagem de que “ainda quero que você seja o meu bebê” e protela um marco do desenvolvimento do filho.

Para começar, o assunto deve ser discutido na matrícula e apresentado como tema em mais de uma reunião coletiva e individual.

É importante mostrar o esforço da equipe pedagógica em desfraldar as crianças e estabelecer rotinas com as famílias.

Sinais da hora do adeus

- Expressar satisfação quando a fralda é retirada
- Fazer cocô em horários regulares
- Apresentar interesse em utilizar o vaso sanitário
- Conseguir reconhecer o momento em que vai fazer xixi e cocô



As primeiras noções de matemática

E escolher produtos para um café da manhã é chance para ensinar a classificar e selecionar.

Antes de começar a ensinar os números de 1 a 5 – o que ocorre por volta dos 2 anos –, há um longo caminho a ser percorrido e que começa cedo.

Os bebês não sabem contar, mas são capazes de participar de atividades que envolvam as primeiras noções do pensamento lógico-matemático.

Quais são elas? O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil destaca o que é fazer matemática na creche: "... é expor idéias próprias, escutar as dos outros, formular e comunicar procedimentos de resolução de problemas, confrontar, argumentar e procurar validar seu ponto de vista, antecipar resultados de experiências não realizadas, aceitar erros, buscar dados que faltam para resolver problemas, entre outras coisas. Dessa forma, as crianças poderão tomar decisões, agindo como produtoras de conhecimento e não apenas como executoras de instruções".

A noção de classificação e ordenação é uma das mais básicas que podem ser exploradas pelos educadores em situações reais na creche.

Um exemplo pode acontecer em uma brincadeira dirigida entre embalagens de produtos alimentícios. Convide a turma a fazer de conta que está em um supermercado. A missão de cada um é escolher um produto para o lanche da tarde.

Veja mais detalhes da sugestão (e abaixo, mais dicas de situações para explorar o pensamento matemático).

Periodicidade: semanalmente

Idade: a partir de 1 ano e meio

Objetivos: classificar, ordenar e comparar objetos em função de diferentes critérios; estabelecer aproximações a algumas noções matemáticas presentes no cotidiano, como contagem

Materiais: embalagens de diversos produtos alimentícios e cestas de compras

Consultoria: Carla Leite Oliveira, pedagoga e professora da Escola Fadelito, em São Paulo

O pensamento matemático pode ser explorado em:

- Jogos, brinquedos, modelagem, manipulação de blocos, caixas etc;
- Atividades de observação dos objetos, lugares e pessoas que rodeiam as crianças, ao contar, comparar e medir;
- Situações em que o educador relaciona os números com coisas conhecidas pelos pequenos.

Melhor desempenho no 5º ano

Crianças que freqüentam a creche e a escola infantil apresentam melhor desempenho em Matemática no fim do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Essa é a conclusão do estudo "O Efeito da Educação Infantil sobre o Desempenho Escolar Medido em Exames Padronizados", de Fabiana de Felício e Ligia Vasconcellos, que tomou como base resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) de 2003 e da Prova Brasil de 2005. Alunos que passaram pela Educação Infantil obtiveram 15,9 pontos a mais nos exames quando comparados aos que não estavam na escola nessa fase.

COLOCANDO EM PRÁTICA

Peça ajuda para colegas e pais para juntar embalagens vazias de produtos alimentícios. Selecione as que não apresentam pontas, que possam ferir as crianças ou restos de comida.

Limpe as embalagens e monte um cantinho do supermercado. Uma prateleira simples de madeira ou um caixote pode servir de suporte para os produtos.

Sacolas de plástico devem ser entregues aos pequenos. Peça para que façam compras para a turma montar uma mesa de café da tarde bem apetitosa.

Para dar mais veracidade, coloque produtos reais entre as embalagens, como pães, frutas, macarrão, alface, tomate... Pergunte: "o que será que queremos comer?" Oriente para que as compras sejam colocadas sobre uma pequena mesa de brincar.

Deixe a brincadeira correr solta e fique observando as ações infantis. Estimule as compras e questione as escolhas.

Cerca de dez minutos depois, com a ajuda de uma auxiliar, recolha as embalagens que estiverem na prateleira. Considere os produtos que foram colocados sobre a mesa e convide a turma a fazer de conta que vai devorar os alimentos. Nesse momento, coloque em xeque as classificações. "Será que feijão faz parte do café da tarde ou do almoço e do jantar?", pergunte. Responda com a turma e tire o produto da mesa.

Depois do levantamento, conte os alimentos que restaram. A princípio, as crianças podem não entender a intenção da ação, mas logo estarão apresentando um comportamento lógico-matemático, como brincar de contar brinquedos, lápis, giz...

Na hora de recolher os "brinquedos", peça um segundo levantamento para a turma. Disponha os produtos que foram dispensados da primeira seleção no chão. Faça um círculo com giz ao redor do monte.

Pegue feijão, macarrão, embalagem de molho de tomate e outros alimentos nas mãos e proponha que os pequenos façam novas classificações.

DESCOBERTA DE NOVOS SABORES

Veja como variar e melhorar a alimentação na creche

Nos primeiros meses de vida, as crianças estão abertas a conhecer novos sabores e aromas. As birras e as esquisitices começam a acontecer depois de 1 ano, geralmente, quando a criança passa a escolher os alimentos do prato. Se não estiver acostumada a comer legumes e verduras, ela vai fazer cara bem feia! Misture ingredientes, teste combinações improváveis e incentive os bebês a experimentar a riqueza dos produtos naturais.

Insista nas novidades. Nem sempre a criança concorda em comer ou beber o que lhe é oferecido. Algumas precisam provar o mesmo alimento ou bebida de oito a dez vezes antes de aprovar a oferta. A palavra de ordem é insistência!

PURÊ DE FRANGO, ABÓBORA E MAÇÃ

Ingredientes

- 1 kg de abóbora
- 200 g de peito de galinha
- 2 cebolas médias
- 8 maçãs pequenas
- 2 litros de água (se preferir, pode colocar caldo de carne)
- 4 colheres (de sopa) de azeite

Preparo

Descasque as cebolas, corte-as em rodela finas e doure-as no azeite quente. Adicione a galinha cortada em pequenos quadradinhos e deixe dourar. Junte as abóboras descascadas e cortadas em pequenos pedaços e a água e deixe cozinhar por 20 minutos. Acrescente a maçã descascada e fatiada e deixe terminar de cozer todos os ingredientes. Reduza a massa a um purê. Rende 10 porções.

BANANA CREMOSA

Ingredientes

- 10 bananas nanicas maduras
- 10 colheres (de sopa) de aveia
- 3 colheres (de sopa) de mel
- 10 colheres (de sopa) de iogurte natural

Preparo

Descasque as bananas, coloque-as em uma assadeira e leve-as ao forno médio por cerca de 20 minutos, até que a polpa fique macia. Retire do forno, amasse as bananas com um garfo e junte a aveia, o mel e o iogurte natural. Misture bem e sirva em seguida para as crianças. Rende 10 porções.

SUCO VERÃO

Ingredientes

- Laranja lima
- Água de coco

Preparo

Tire o suco das laranjas e acrescente a água de coco. Ofereça o suco imediatamente após o preparo. Pode ser servido para bebês com mais de seis meses. Basta colocar a bebida na mamadeira e dar para os pequeninos após as refeições ou na hora do lanche, junto com uma fatia fina de bolo simples.

SUCO DE ABACAXI E COUVE

Ingredientes

- 2 abacaxis
- 7 folhas de couve
- Mel ou açúcar mascavo a gosto

Tire a casca do abacaxi, lave bem as folhas de couve e bata tudo no liquidificador. Coe e acrescente uma pitada de mel ou açúcar mascavo.

Ilustração: Vanessa Matarazzo

Espelho, espelho meu, esse aí sou eu?

É frente a frente com
a própria imagem que
se desenvolve parte
da identidade

Foto: Ivan Pontes

Olhar-se no espelho e se perguntar: “Quem sou eu?” faz parte da infância, da adolescência e da vida adulta.

O poeta gaúcho Mario Quintana (1906-1994) escreveu *Espelho* sobre essa relação que todo ser humano trava com o objeto ora amado, ora odiado: “Por acaso, surpreendo-me no espelho:/ Quem é esse que me olha e é tão mais velho que eu? (...)/ Eu sou aquele mesmo menino teimoso de sempre (...).”

As crianças não nascem sabendo reconhecer suas particularidades, seu nome, sua família e a si mesmo. Aprender tudo isso é lição que começa na creche e segue até o final da escolaridade – ou da vida.

Para começar, espelho é objeto obrigatório em toda creche. As crianças devem ter um à sua altura, no qual possam ver a si mesmas e os colegas. Ao lado, deixe fantasias, retalhos, tecidos, maquiagem e brinquedos que ajudem os bebês e a garotada a experimentar papéis e situações imaginárias.

Pequenos objetos que possam ser segurados individualmente também ajudam nessa exploração profunda e infinita. Eles podem ser utilizados na hora da brincadeira e do banho.

Seu papel, professor, é criar situações pedagógicas para que os pequenos distingam suas características, identifiquem as dos amigos e aprendam a valorizar a sua própria imagem e a gostar de seu corpo. A tarefa só será completa se, no dia-a-dia, cada criança vivenciar situações de confiança e valorização de suas diferenças.

O espaço da creche também é um aliado desse processo. Os pequeninos precisam se sentir “donos” dele e, para isso acontecer, necessitam reconhecer suas imagens estampadas nas paredes, junto com suas “obras-de-arte” (leia na página 10 como valorizar as produções).

Essa é a função dos famosos murais com fotos de cada criança, presentes em muitas creches e escolas de educação infantil. Para frisar a importância dessa identificação visual, **Projetos Escolares Creche** apresenta você, educador, com um pôster bem colorido e funcional para enfeitar as paredes da sua sala. Basta destacar o encarte, imprimir uma foto individual dos “bambinos”, nomeá-las em letra bastão e fixar o cartaz na parede.

O material vem acompanhado de sugestões práticas e inspiradoras para trabalhar a identidade, um dos eixos da creche e da educação infantil que não pode faltar no seu planejamento diário.



Foto: Ivan Pontes

Além do espelho, é preciso:

- Jamais fazer comentários preconceituosos ou dar e permitir que sejam dados apelidos;
- Lembrar-se de destacar todas as diferenças presentes em sala, sem se esquecer de ninguém: loiros, ruivos, japoneses, indígenas, negros;
- Valorizar a imagem das crianças junto a seus familiares e pertences ao expor fotos em murais pela escola e na sala;
- Mostrar a evolução do crescimento de cada um por meio de fotos antigas e recentes.



Periodicidade: regularmente

Idade: a partir de 6 meses

Objetivos: Conhecer o próprio corpo; identificar particularidades; valorizar a própria imagem; aprender a observar

Materiais: espelhos, pôster encartado na revista e foto de cada criança

Consultoria: Paula Inglez, pedagoga e diretora da Escola Hora de Despertar, em São Paulo

COLOCANDO EM PRÁTICA

Leve uma criança por vez de frente a um grande espelho. Para prender a atenção, destaque uma parte do corpo para que ela fixe o olhar. “Olhe, Marina, como seu cabelo está lindo hoje. Mostre para mim como sua mãe fez o penteado?”.

Chame um colega para participar da aula de observação e destaque as diferenças entre as crianças e você. Aponte outros órgãos e sempre valorize a beleza dos pequeninos. Aproveite os cuidados para trabalhar a identidade. Na hora do banho, dê um espelho pequeno para os bebês. Mostre a imagem refletida e peça para que identifiquem partes do corpo. Diga: “Mostre para mim, Igor, o seu pé, pelo espelho”.

Quando o espelho ficar embaçado com o vapor d’ água, peça para a criança carimbar a mão ou os lábios, e diga o nome de cada parte do corpo.

Na hora enxugar, continue a destacar pés, mãos, cintura, barriga, umbigo... e peça uma ajuda para pentear o cabelo.

Observar-se, segurar o espelho e a escova, tudo ao mesmo tempo, é um desafio motor que pode tornar o momento do cuidar uma oportunidade pedagógica.

Os pais também devem entrar na “brincadeira”. Convide os responsáveis para passar uma tarde na creche e marque as visitas em duplas, de maneira que, ao final de uma semana, todos os pais de uma turma tenham estado na escola.

A missão de mães, pais, avós ou irmãos maiores de idade é trazer 3 fotos de diferentes fases da vida da criança e contar para a turma histórias dessa trajetória, como a escolha do nome, o nascimento, as primeiras mamadas, o primeiro passeio e o contato com amigos e familiares. Cole as imagens em lugar visível para as crianças. Participe você também e coloque suas fotos antigas da época da escola para ajudar as crianças a perceberem as diferenças de geração.

Ilustração: Vanessa Matarazzo



Um mural de fotografias

Esta edição de creche traz de brinde um mural de fotografias. Tire fotos de cada criança, cole-as no mural e escreva os nomes em letra bastão. Se preferir, moldure o pôster com papelão e pendure-o com um barbante.

Deitar e rolar entre lençóis

Uma atividade psicomotora
pra lá de divertida e agitada

Foi-se o tempo em que os bebês ficavam enrolados em cueiros e outros tecidos, imóveis, bem quietinhos.

Hoje, sabe-se que os estímulos corporais são importantes desde o nascimento para aprimorar e desenvolver os movimentos, trabalhar a musculatura e explorar a linguagem corporal e o contato afetivo.

Foi o psicólogo francês, Henry Wallon (1872 – 1962), quem, em 1925, relacionou pela primeira vez a motricidade com a emoção.

Há muitas atividades psicomotoras que podem ser realizadas na creche, como girar, rolar, andar em um pé só, correr, deitar... Elas podem ser feitas em uma sala especialmente preparada para esses estímulos, ou em qualquer ambiente seguro.

Quer uma sugestão bem simples e criativa? Você só vai precisar de lençóis limpos e colchonetes.

COLOCANDO EM PRÁTICA

Coloque os colchonetes sobre um piso reto e separe lençóis brancos e coloridos, bem limpos. Com a ajuda de um auxiliar, coloque os bebês – que já consigam se sentar – ou crianças maiores no colchonete. Antes, tire os calçados e coloque roupas confortáveis nos pequenos. E prepare-se: você também vai entrar na “dança”. Com os bebês, comece brincando de esconde e aparece. Em seguida, enrole um lençol no corpo deles, de maneira que a cabeça fique de fora. Lentamente, deite-os e gire o corpo na direção contrária e de encontro a você. Diga em tom de brincadeira: “eu vou te pegar, eu vou te pegar...”. Em seguida, enrole apenas partes do corpo, como os pés, as mãos ou o tronco. Pergunte: “onde foi parar o pé do Mateus?”, “cadê a mão da Laura?”. Fique atenta a qualquer manifestação de desconforto.

Os pequenos de 2 a 3 anos já são capazes de movimentos mais complexos e de fantasiar situações propícias para uma boa estripulia dramática.

Antes de mostrar os lençóis, faça a turminha se sentar no colchonete e imaginar que está em um barco, em alto-mar. Movimente o seu corpo como se estivesse em uma embarcação e convide os pequenos a fazerem o mesmo. Faça a criançada remar, mas avise que o barco não pode virar. Cante a canção *A Canoa Virou* e vá dizendo: “cuidado, vai virar, vai virar...virou”. Nesse momento, todos devem se deitar. Peça para a auxiliar jogar lençóis abertos sobre os pequenos e diga que eles caíram na água e agora precisam nadar e, ao mesmo tempo, achar os amigos. Fique atenta para que pés e mãos não se firam e prepare mais histórias para serem representadas sob os lençóis, como uma que envolva acampamento.

Periodicidade: diariamente

Idade: de 9 meses a 3 anos

Objetivos: trabalhar mobilidade ampla e expressividade; estimular movimentos livres e o desenvolvimento do esquema corporal

Materiais: lençóis brancos e coloridos e colchonetes

Consultoria: Carla Leite Oliveira, pedagoga e professora da Escola Fadelito, São Paulo (SP)

A brincadeira de ficar parado como estátua é antiga e ainda faz muito sucesso entre as crianças. Na creche, seu papel é o de proporcionar momentos lúdicos, que permitam explorar movimentos dirigidos.

Ao virem o corpo imóvel, as crianças podem reconhecer a ação de alguns membros. Mas, para isso, precisam ser capazes de se equilibrar e comandar os próprios movimentos. Fácil? Para os adultos pode ser, mas para os pequenos é um desafio instigante.

A avaliação deve levar em conta o reconhecimento dos membros, o entusiasmo e a atenção para cumprir um comando. Mas lembre-se: não espere que todas as crianças tenham a mesma destreza. Acompanhe a evolução de cada uma no jogo.

Periodicidade: regularmente

Idade: a partir de 2 anos

Objetivos: desenvolver a musculatura e o movimento estático; reconhecer o próprio corpo

Material: aparelho de som

Consultoria: Carla Leite Oliveira, pedagoga e professora da Escola Fadelito, São Paulo (SP)

COLOCANDO EM PRÁTICA

Afastar mesas e cadeiras e deixar espaço livre para as crianças se movimentarem com facilidade.

Faça um círculo e ensine as regras: todos devem dançar, mas, quando a música parar e a professora der o comando, os corpos também devem parar. Antes de começar o jogo, promova o reconhecimento de alguns órgãos. Mostre pés, mãos, pescoço, pernas, dedos...e faça as crianças movimentarem cada um deles.

Depois, coloque uma música para tocar no aparelho de som e convide a turma para "mexer o esqueleto". Entre na dança também, cante e faça movimentos engraçados e marcantes, para que a turma imite você.

Em seguida, tire o áudio repentinamente e fale alto: "estátua!". Todos devem se "congelar" até que alguém faça um movimento e interrompa a transformação.

Oriente as crianças a dizer: "Ah...o Alan mexeu o pé!". A cada rodada, lembre e aponte os órgãos que as crianças movimentaram: "Maria mexeu a cintura; André mexeu a cabeça..."

Fotos: Ivan Pontes



Quem nunca brincou de estátua na infância?

Ao ficarem imóveis, os pequenos descobrem o próprio corpo

Um novo olhar sobre a coordenação pedagógica

Atualmente, discute-se muito o papel do coordenador pedagógico na perspectiva da pedagogia da infância

O que fez dele uma figura tão importante na educação de nosso país? Você, leitor, já parou para pensar nisso? Será que, de fato, sabemos quais são suas reais atribuições, principalmente na creche?

Poderíamos começar nossa conversa com a discussão sobre a importância da formação no magistério até chegar à definição dos papéis. Mas gostaríamos de convidar a todos para pensar sob uma perspectiva diferente, um olhar que foque nos prazeres, saberes e fazeres de todos educadores, que se formam como profissionais da educação infantil em uma intrincada rede de troca de saberes, estabelecida no dia-a-dia.

Essa idéia não é nova e já foi propalada por nosso grande pensador Paulo Freire. Nas palavras dele, ao mesmo tempo em que educamos, somos educados. Dessa forma, professor e coordenador pedagógico estão no mesmo patamar. Ora o coordenador domina um assunto, ora é o professor que sabe mais. A única diferença está na tarefa de mediar o compartilhamento entre os professores e



a coordenação, e fomentar o conhecimento.

Mas sabemos que a formação por si só não garante uma mudança de paradigmas, tão necessária para todos nós, homens e mulheres do século 21.

Mudar uma concepção assistencialista, que organiza as rotinas com base apenas nas necessidades biológicas das crianças, para uma concepção de criança como sujeito de direitos e produtora de saberes dentro do seu tempo e espaço é um grande desafio.

As únicas certezas a partir das quais podemos nos pautar são:

- A parceria entre direção e coordenação pedagógica é fundamental por uma educação de qualidade;
- A parceria com a famí-

lia também é essencial para obter resultados;

- A equipe de educadores deve ser comprometida com as experiências de exploração das diferentes linguagens infantis e deve cultivar a vontade de acertar e enfrentar desafios propostos;

- Não deve haver alta rotatividade de profissionais na escola. Precisamos, sim, constituirmo-nos como grupo, em vínculo estreito com a comunidade;

- É preciso valorizar a formação em serviço, com base nas práticas do cotidiano e à luz das teorias, sem desprezar os conhecimentos empíricos da equipe educadora.

- Como compreender, então, o papel do coordenador pedagógico, essa figura desconhecida na creche até

bem pouco atrás, e o seu papel, professor?

Temos uma sugestão. Visite a escola na qual você trabalha com um olhar “estrangeiro”. Desvele situações de algumas práticas de sua rotina, que causam inquietude, insatisfação ou dúvida e registre seus estranhamentos.

Temos um encontro marcado para “somar” nossos olhares e para partilharmos nossas e novas experiências. O que você pensa sobre esse assunto?”

Participe!

Escreva para a seção Artigo. Mande seu texto para educacao@editoraonline.com.br ou Caixa Postal 61085, CEP 05001-970, São Paulo (SP). Ficaremos felizes em analisar suas produções!

Por Elizabete Baptista de Godoy, coordenadora pedagógica da EMEI Rumi Oikawa, e Maria Cristina dos Santos, coordenadora pedagógica da CEI Jardim Rodolfo Pirani, em São Paulo

A opção pela pedagogia de projetos

Hoje, a formação infantil só é considerada completa se a criança tiver acesso a diversas linguagens utilizadas pelo homem, se for capaz de tomar decisões e de se expressar, se souber trabalhar em grupo e, principalmente, se conseguir resolver pequenos, médios e grandes problemas de seu dia-a-dia, como ir ao banheiro sozinha, disputar um brinquedo com um colega e escolher atividades para realizar em sala.

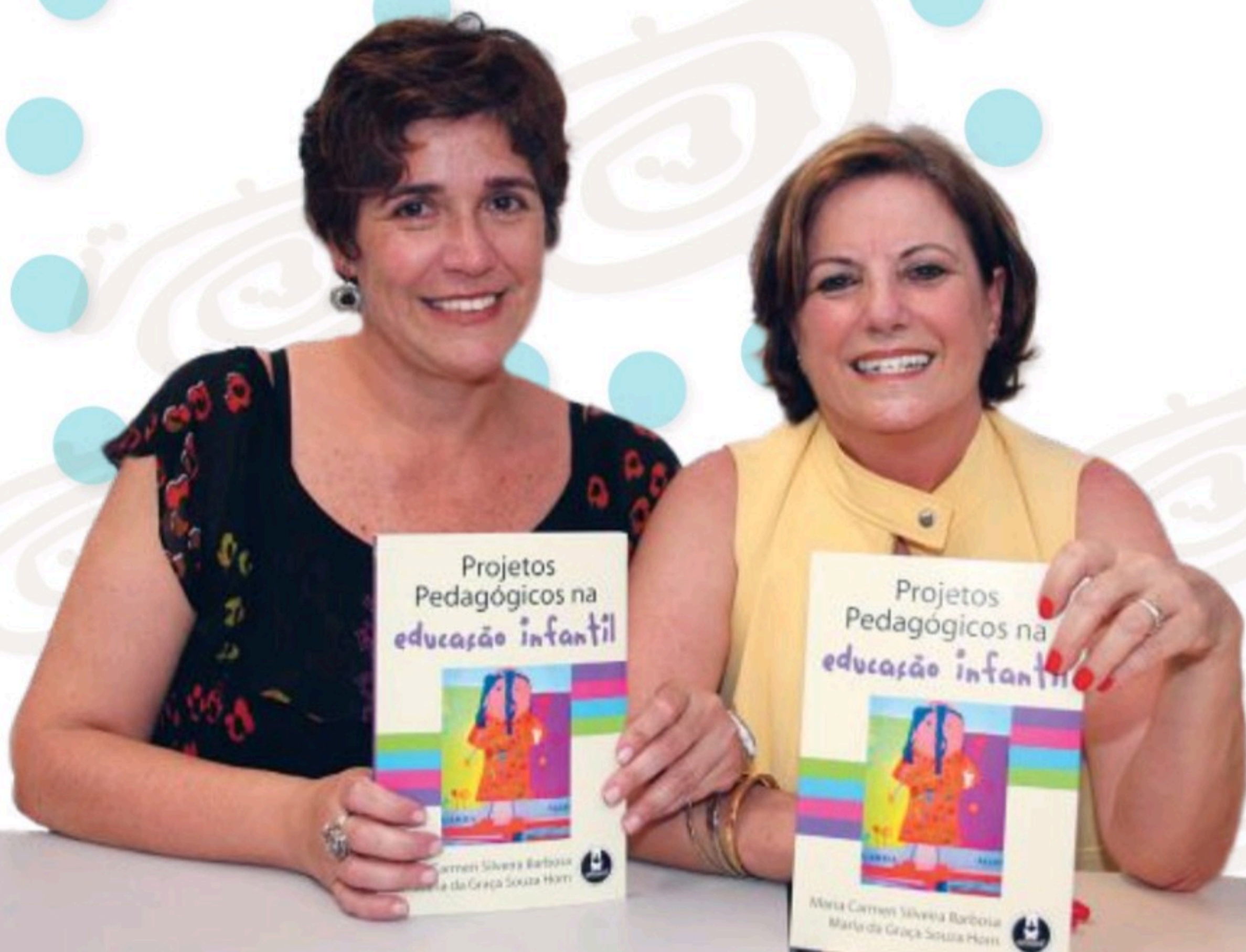
É consenso entre pensadores da educação e educadores que os pequenos só interiorizam os conteúdos que são abordados por meio de um desafio, de uma situação-problema –, a base da *pedagogia de projetos*.

Assim defendiam Ovide Decroly (1871-1932), Maria Montessori (1870-1952), John Dewey (1859-1952) e tantos outros estudiosos e pensadores que

focaram o ensino nos interesses dos alunos e na participação deles no processo de aprendizagem. É difícil compreender e pôr em prática essa concepção de educação?

Maria Carmen Silveira Barbosa, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e **Maria da Graça Souza Horn**, doutora em Educação pela UFRGS mostram as possibilidades e os desafios de uma educação de qualidade e em sintonia com os tempos atuais.

Lica e Graça, como são chamadas entre amigos e alunos, partilham suas experiências nos estágios com seus alunos, nos grupos de estudo dos quais fazem parte, no livro *Projetos Pedagógicos na Educação Infantil* (Ed. Artmed, 32 reais) e na entrevista que você lê a seguir.



Projetos Escolares – Há muitos modos de organizar o ensino. Por que defender a organização por projetos?

Maria da Graça Souza Horn – A pedagogia por meio de projetos aponta uma perspectiva muito interessante, que é a interdisciplinaridade. Dessa maneira, a criança “aprende a aprender”, a interagir com seus pares e com outros parceiros mais experientes e, principalmente, desde muito cedo, aprende a pesquisar. Isso significa colocar a criança como protagonista do processo de ensino e aprendizagem.

P.E. – Explique melhor como a criança é considerada dentro dessa proposta.

Maria da Graça – Ela é ativa no processo, autora de seu próprio conhecimento e da resolução dos desafios do dia-a-dia. Em parceria com o professor, os pequenos são capazes de traçar um caminho de conhecimento a ser percorrido em sala. Nesta perspectiva de trabalho, a criança constrói suas autonomias moral e intelectual.

P.E. – O conceito de pedagogia por meio de projetos já está bem difundido na educação brasileira?

Maria da Graça – Não. Muitas vezes, os educadores confundem a metodologia de unidades didáticas ou centros de interesse com projetos. Há outros modos que integram, de certo modo, as diferentes áreas do conhecimento, porém há muitas diferenças significativas entre eles. Trabalhar por meio de projetos significa construir um caminho no fazer, na prática em sala, na integração de propostas advindas do educador e das próprias crianças, em problemas a serem resolvidos, sem prever de antemão que rumos serão tomados por todos. Muitas “portas” vão se abrindo no decorrer do trabalho.

P.E. – Você pode apontar outros equívocos nesse processo?

Maria da Graça – O que se observa no trabalho dos professores, via de

regra, é “forçar” uma integração dos diferentes conteúdos e a realização das atividades, sem se ater às relações mentais que as crianças podem fazer ao raciocionar. Ao lado disso, podemos apontar o falso entendimento de que só podemos abordar uma temática de cada vez. É muito enjoativo para as crianças bater sempre na mesma tecla, enfocar o mesmo assunto de segunda a segunda, diversificando somente as atividades. Há ainda muitos outros erros, como elaborar o planejamento centralizado no adulto, sem compartilhá-lo com as crianças, a avaliação realizada no fim do processo de aprendizagem, a ausência das famílias e das comunidades, e a pouca valorização da documentação pedagógica, do projeto, coletivo e individual.

P.E. – Há modelos a serem seguidos e que possam ajudar a pautar as prioridades pedagógicas?

Maria da Graça – Não existe um modelo de planejamento, nem passos a serem seguidos nesta proposta. O que orienta o trabalho

Há, sim, referências de qualidade como são as creches e as escolas infantis dessa região da Itália. Mas ali o contexto social, econômico e cultural é outro. Essas escolas podem servir apenas como inspiração. Certamente, experiências bem sucedidas sempre são importantes, mas nunca devem ser copiadas. É preciso adaptar os exemplos à realidade de cada instituição.

P.E. – Qual a diferença de trabalhar por projetos na educação infantil, no ensino fundamental e no médio?

Maria da Graça – As diferenças advêm, principalmente, da complexidade dos projetos em conformidade com a faixa etária, dos modos como se organizam os currículos e, conseqüentemente, dos conteúdos e das estratégias de aprendizagem. Mas os princípios são os mesmos.

P.E. – O que se exige de um professor de creche no trabalho por projetos?

Maria da Graça – O mesmo rigor e seriedade que se deverá ter em

“É preciso adaptar os exemplos à realidade de cada instituição”

são alguns princípios, idéias norteadoras, materiais e informações que subsidiarão o início de todo o processo.

P.E. – Mas há uma região na Itália, a Reggio Emília, que é exemplo para o mundo em organização educacional, em participação coletiva, em projetos pedagógicos e no estímulo a expressão criadora das crianças. Pedagogos de vários países se entusiasmam muito com a experiência italiana. As escolas brasileiras não deveriam seguir esse modelo?”

Maria da Graça – Como frisei anteriormente, não existem modelos.

qualquer nível de escolaridade. Em função da faixa etária das crianças e de seus modos de se expressar nas diferentes linguagens, é fundamental que o professor seja um atento e sensível observador, um “leitor” de sua realidade e do seu grupo de crianças, respaldado por um embasamento teórico e pela criação de práticas adequadas às crianças.

P.E. – Como se organiza um currículo significativo na creche?

Maria da Graça – Como em qualquer outro nível da escolaridade, deve estar pautado na realidade onde se insere, nos aportes cultu-



“É um equívoco
fazer das datas
comemorativas a
estrutura principal
de uma proposta
pedagógica...”

rais e sociais, nas necessidades das crianças que compõem este quadro, nas referências teóricas que dão suporte para que se compreenda como elas aprendem e como educar com qualidade.

P.E. – O livro aponta que o calendário de festividades é um grave problema na creche e na educação infantil. Por quê?

Maria da Graça – O calendário em si não é um problema. Acredito que seja um equívoco fazer das efemérides a estrutura principal de uma proposta pedagógica, sem inserir estas comemorações num contexto maior e significativo para as crianças.

Maria Carmen Silveira Barbosa – A aprendizagem não acontece com

eventos, em fragmentos superficiais, mas, ao contrário, por meio de processos significativos que garantam continuidade e aprofundamento.

P.E. – Não é complicado planejar ao mesmo tempo em que as atividades ocorrem em sala de aula?

Maria Carmen – Não, pois as necessidades aparecem na realização das atividades e dos trabalhos. Exemplos? Em uma roda de conversa, é possível levantar com as crianças as dúvidas, os desejos de aprender, as fontes, as angústias e os conflitos individuais e coletivos. Tudo isso deve ser remetido imediatamente ao planejamento. Nessa hora, o professor se reprograma, sem perder de vista o objetivo final do projeto. Outra

situação acontece no parquinho. Ao observar os movimentos dos pequenos, o professor pode pensar em propostas de atividades corporais para qualificar e expandir os movimentos das crianças como grupo e também verificar onde estão as dificuldades individuais para fazer propostas específicas. Planejamento e execução são faces da mesma moeda.

P.E. – Por que um projeto pedagógico elaborado coletivamente é mais eficiente?

Maria da Graça – Porque este é um princípio básico da pedagogia de projetos, ou seja, compartilhar o conhecimento. Ninguém aprende no isolamento; a aprendizagem é social e interativa.

P.E. – Qual a importância do espaço e do tempo em uma proposta pedagógica?

Maria da Graça – A organização dos espaços na creche e na educação infantil se constitui de um elemento do currículo e é reflexo de nossas concepções do que é ser criança, de como ela aprende e de que tipo de educação está sendo proposta em sala. Se concebermos a criança como protagonista de suas aprendizagens, o espaço passa a se constituir em um outro educador. Ao tirar o foco da ação do professor, objetos e materiais colocados à disposição das crianças passam a ter outro papel, como de parceiros pedagógicos.

Maria Carmen – Os usos do tempo também representam as concepções de aprendizagem e de currículo. Tudo aquilo que o educador valoriza ganha mais tempo em sala.

P.E. – A avaliação dos projetos é muito diferente do que em um método tradicional?

Maria Carmen – O modo como avaliamos é também reflexo de nossa prática educativa e da própria metodologia que utilizamos. Portanto, torna-se óbvio que os modelos avaliativos tradicionalmente utilizados sejam inadequados na perspectiva dos projetos de trabalho.

Fique de olho!

Falta creche pública no Brasil

Em junho de 2008, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou que em 1.356 municípios brasileiros (24% do total) não há creches públicas. Nessas cidades, os pais só têm a opção de matricular seus filhos em instituições privadas ou filantrópicas.

Uma das conclusões é de que a faixa etária de 0 a 3 anos é a mais negligenciada no acesso à escola. Não há a expectativa por parte do governo e da sociedade de alcançar a marca de 100% das crianças matriculadas, haja vista que não há escola para todos e os pais podem optar por oferecer esse primeiro nível da escolaridade em casa mesmo.

Um exemplo dessa falta de interesse é o Plano de Metas da Educação, que não foi alcançado. Estabeleceu-se que, até 2006, 30% das crianças deveriam estar matriculadas em creches públicas, mas apenas 15% conseguiram receber atendimento profissional especializado. E a previsão é de que outra meta seja ignorada: atender metade da população de 0 a 3 anos até 2011.

O estudo mostra ainda que a matrícula é desigual, se comparada à renda. Em famílias com renda mensal *per capita* de até um salário mínimo, 9% das crianças estão em creches. Nas famílias com renda mensal superior a dez salários mínimos, esse índice é de 38%.

(Fonte: IBGE - PNAD 2007)



Presidente: Paulo Roberto Houch
Vice-Presidente Editorial: Andrea Calmon
redacao@editoraonline.com.br

REDAÇÃO
Jornalista Responsável: Andrea Calmon - MTB 47714
Editor: Fernanda Montano
Estagiária: Carolina Cedano
Colaboraram nesta edição: Roberta Bencini (projeto e textos); Vanessa Matarazzo (ilustrações); Ivan Pontes (fotografia); Cristiane Boneto (produção) e Thaise Rodrigues (edição e revisão)

PROGRAMAÇÃO VISUAL
Coordenador: Rubens Marim
diagramacao@editoraonline.com.br
Programação Visual: Beth Nito

ESTÚDIO FOTOGRÁFICO
Coordenador: Moisés Nascimento
moisesnascimento@editoraonline.com.br

PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA
Coordenadora: Elaine Simoni
elainesimoni@editoraonline.com.br

PUBLICIDADE
Gerente de Publicidade: Patricia Massini
patriciamassini@editoraonline.com.br

Coordenadora de Publicidade: Fabiana Gomes
publicidade@editoraonline.com.br

MARKETING
Diretor de Marketing: Lúcio Baute
Supervisora de Marketing: Jane Pinheiro
jane@editoraonline.com.br

CANAIS ALTERNATIVOS
DEP. VENDAS: Luiz Carlos Sarra
(11) 3687-0099
vendaatacado@editoraonline.com.br

LOGÍSTICA E ARMAZENAGEM
Luiz Carlos Sarra
luizcarlos@editoraonline.com.br

ADMINISTRAÇÃO
Diretora Administrativa: Jacy Regina Dalle Lucca
financieiro@editoraonline.com.br
Coordenadora de Suprimentos: Juliana Santos
suprimentos@editoraonline.com.br

CRÉDITO E COBRANÇA
cobranca@editoraonline.com.br

ASSINATURAS: Fabiola Francioli
assinatura@editoraonline.com.br

Impresso por PROL
Distribuição no Brasil por Dinap
Distribuição em Portugal Logística Portugal

Projetos Escolares Creche é uma publicação do IBC - Instituto Brasileiro de Cultura Ltda. - Caixa Postal 61085 - CEP 05001-970 - São Paulo - SP - Tel.: (0**11) 3393-7777
A reprodução total ou parcial desta obra é proibida sem a prévia autorização do editor.

Números Atrasados com o IBC ou por intermédio do seu jornaleiro ao preço da última edição acrescido das despesas de envio.
Para adquirir com o IBC - www.revistaonline.com.br, Tel.: (0**11) 3512-9477 ou Caixa Postal 61085 - CEP 05001-970 - São Paulo - SP.

Compras pela internet:
www.revistaonline.com.br

A On Line Editora tem a revista que você procura. Confira algumas das nossas publicações e boa leitura.

DECORAÇÃO: Armários e Closets • Armários de Cozinha • Banheiros e Lavabos • Casa & Ambiente Bebê • Anuário Bebê e Filhos • Anuário de Paisagismo • Anuário do Feng Shui • Casa & Decoração • Decoração e Estilo • Cozinhas e Salas de Almoço • Espaços Profissionais • Feng Shui em Casa • O Quarto dos Filhos • Pequenos Ambientes • Projetos para Banheiros • Quartos e Closets • Quartos de Casal • Salas e Living • Salas de TV • Pisos e Revestimentos
FEMININAS: Faça Fácil • Revista da Gestante

TEEN: Rebelde • Yes! Teen
CASAMENTOS & FESTAS: Figurino Noivas • Guia de Noivas & Debutantes • Cabelos para Noivas • Guia de Festas de Formaturas
MODA & BELEZA: Cabelos Curtos • Cabelos para Festas • Figurino Debutantes • Figurino Moda Senhora • Figurino Moda Festa • Figurino Tamanhos Grandes • Guia de Corte de Cabelos

PLANTAS: Guia de Flores • Guia de Hortas • Guia de Plantas em Casa • Guia de Plantas Medicinais • Guia de Rosas • O Mundo das Orquídeas • Guia de Florais
ARTESANATO: Festas Faça Fácil • Anuário de Artesanato • Apostila de Pintura • Arte & Decoração • Arte em Biscuit • Arte em Madeira • Bijuterias e Acessórios • Biscuit Bebê • Corinas e Bantos • Decorar do Álbum Scrapbooking • Galeria em Tela • Mesas Decoradas • Moda em Bolsas • Pastilhas Mosaico • Pintura em Tecido • Pintura em Tela • Bella Porto Cruz • Figurino Crochê • Tricô & Cia • Bordados em Pano de Prato • Decoração em Crochê • Figurino Porto Cruz • Roupas em Crochê

TURISMO: Guia dos Melhores Resorts e Pousadas • Guia dos Melhores Hotéis Brasileiros • Guia dos Melhores Hotéis de São Paulo • Roteiros de Hotéis-Fazer-da • Guia de Pousadas de Campo • Guia de Pousadas de Praias • Guia do Litoral Brasileiro • Guia de Cruzeiros Marítimos • Guias de Lazer e Turismo: Florianópolis, Maceió, Natal, Rio de Janeiro, Salvador, Buenos Aires, Lisboa, Paris • Guia de Igrejas Nacionais

VEÍCULOS: Fusca & Cia • Vendo Autos • Automóveis Antigos • Salões de Automóveis • Salões de Moto • Opala & Cia.

ESPORTES: Edição Histórica Palmeiras • O Mundo do Futebol

NEGÓCIO: Meu Próprio Negócio • AE Investimentos • Anuário de Franquias

BICHOS: Almanaque do Pet Bull • Bichos em Casa • Guia Quatro Patas • Coleção Bichos em Casa em DVD

ASTROLOGIA: Anuário Astroológico • Astros e Você

EDUCAÇÃO: Projetos Escolares Educação Infantil • Projetos Escolares Educação Fundamental • Série Mural Projetos Escolares

CULINÁRIA: Coleção Delícias da Cozinha • Salgadinhos e Receitas Especial

INTERESSE GERAL: Aquedimento Global • Arte e Comportamento • Coleção Artes Marciais • Vida & Yoga • Guia Oficial de Yoga • Vida & Religião • Mundo em Foco • Curso de Desenho e Tatu

Aviso importante: A On Line Editora não se responsabiliza pelo conteúdo e pela procedência dos anúncios publicados nesta revista, de modo que não restará configurado nenhum tipo de responsabilidade civil em decorrência de eventual não cumprimento de pactos firmados entre anunciantes e leitores.

Onde encontrar

Colaboradores

Ana Paula Dias França Guareschi
(Enfermeira pediátrica)
guareschi@uol.com.br

Maria Carmen Silveira Barbosa
(pedagoga)
lica@compusat.com.br

Carla Leite Oliveira
(professora)
fadelito2@fadelito.com.br

Maria da Graça Souza Horn
(pedagoga)
mghorn@terra.com.br

Dalva Franco
(coordenadora pedagógica)
Dalva_franco@yahoo.com.br

Paula Inglez
(coordenadora pedagógica)
paulainglez@hotmail.com

Projeto Acalanto
www.auditorioibirapuera.com.br

Neide Noffs
(pedagoga)
neidenoffs@terra.com.br

FALE COM A GENTE!

Se você gostou da revista e quer mandar sugestões ou críticas, escreva para Caixa Postal 61085, CEP 05001-970, São Paulo (SP) ou para educacao@editoraonline.com.br. Atividades, seqüências didáticas e projetos são bem-vindos!